

ENTRELAÇAMENTOS CARTOGRÁFICOS DE EXPERIÊNCIAS ARTETERAPÊUTICAS

Jane Mazzarino



Jane Mazzarino

**ENTRELAÇAMENTOS
CARTOGRÁFICOS DE EXPERIÊNCIAS
ARTETERAPÊUTICAS**

1ª Edição

**Quipá Editora
2021**

Copyright © Jane Mazzarino.
Todos os direitos reservados.

Diagramação e revisão: da autora.

O conteúdo deste livro, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade da autora. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Mazzarino, Jane Márcia.
M477e Entrelaçamentos cartográficos de experiências arteterapêuticas /
Jane Márcia Mazzarino. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

74 p. : il., color.

ISBN 978-65-89091-42-4

DOI 10.36599/qped-ed1.036

1. Arteterapia - Experiências. I. Título.

CDD 615.8

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Quipá Editora
www.quipaeditora.com.br
@quipaeditora

Obra publicada pela Quipá Editora em abril de 2021.

AGRADECIMENTO

À Simone Castiel, pela delicadeza e inspiração no estágio, na orientação e para a vida.

À Angelica Shigihara, por ser nosso anjo da guarda durante a formação.

Ao Instituto da Família de Porto Alegre (Infapa) por oferecer o curso em parceria com o Instituto Sedes Sapientiae, de São Paulo, baseado em encontros vivenciais com mulheres maravilhosas que compartilharam suas experiências em arteterapia, entre elas Selma Ciornai, precursora no Brasil. A todas, minha reverência.

Cartografar

é construir mapas compostos por linhas diversas que atravessam o sujeito em sua experiência: linhas duras ou de segmentos determinados (família, profissão, classes sociais, gêneros, sujeitos), linhas flexíveis ou moleculares – que atravessam os segmentos e traçam desvios e modificações – e linhas de desterritorialização que carregam o segmento para o movimento de fuga ou de fluxo.

Mais duras, mais flexíveis e fugidias, as linhas perpassam tudo, cruzam-se, provocando emaranhados de interconexões que compõem os rizomas com suas ramificações múltiplas.

DELEUZE E GUATTARI, 1995, 2012; MORAES JUNIOR, 2011

DELEUZE E GUATTARI (1995) ROMPEM COM A IDEIA DE INTERPRETAR REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, COM A LÓGICA DA REPRODUÇÃO, DO DECALQUE. NÃO INTERESSA O QUE JÁ FOI FEITO. SUA ATENÇÃO BUSCA COMPOR MAPAS E FAZER EXPERIMENTAÇÕES COM O REAL, CARTOGRAFANDO AO INVÉS DE DECALCAR. O MAPA É ABERTO A MÚLTIPLAS ENTRADAS, CONECTÁVEL, DESMONTÁVEL, RASGÁVEL, ADAPTÁVEL, REVERSÍVEL, SUSCETÍVEL A MODIFICAÇÕES CONSTANTES. CARTOGRAFAR ENTÃO É UM MOVIMENTO DA ATENÇÃO QUE VALORIZA MUTAÇÕES, RUPTURAS, DESCONTINUIDADES QUE PODEM SURTIR EM ALGO ESTRUTURADO COMO AS ESTRUTURAS ARBORESCENTES, COM SEUS CENTROS DE SIGNIFICÂNCIA E DE SUBJETIVAÇÃO.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs. Introdução: Rizoma. Volume I, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 3, São Paulo: Ed. 34, 2012.
MORAES JUNIOR, Jose de Assis. Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de Nietzsche, Deleuze e Guattari. Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação, v. 6, p. 53-64, 2011.

COMO EXPERIENCEI
A FORMAÇÃO EM
ARTETERAPIA

COMO A
FORMAÇÃO
ARTETERAPÊUTICA
EMERGIU EM
IMAGENS E
PALAVRAS,
AFETANDO MINHA
SUBJETIVIDADE

COMO VIVENCIEI O
CAMPO DE FORÇAS
QUE SE CRIOU COM
A FORMAÇÃO DE
UM GRUPO,
PARA A
REALIZAÇÃO DO
ESTÁGIO EM
ARTETERAPIA,
E COMO FUI
AFETADA PELAS
RESSONÂNCIAS
QUE EMERGIRAM

**O que pulsa em
mim....
a vontade de
refletir
poeticamente**

[...]

ESTAMOS NA ESFERA DE UM MODO DE PESQUISAR QUE NÃO SE SEPARA DE UM PLANO DE CRIAÇÃO. UM CARTÓGRAFO NASCE NUMA PAISAGEM QUE HABITA COM UM CORPO...

GRANDE PARTE DO MODO COMO AGIMOS E CONHECEMOS SE DÁ SEM ATENÇÃO E CONSCIÊNCIA AO QUE NOS ACONTECE. NÃO NOS É DADO SABER COMO EXPLORAR O PLANO DA EXPERIÊNCIA, ISTO NÃO É IMEDIATO, REQUER APRENDIZAGEM. POR ISSO, ACESSÁ-LO E DESCREVÊ-LO É DIFÍCIL. COM A ELABORAÇÃO DE NOVAS PISTAS PARA UM MÉTODO CARTOGRÁFICO, NÃO PODEMOS DEIXAR DE ACENTUAR A NECESSIDADE DE PRÁTICAS QUE TORNEM POSSÍVEL UMA ATENÇÃO ABERTA AOS PROCESSOS EM CURSO, QUE NOS PERMITAM SABER COM AQUILO QUE NOS FAZ VIVER. [...]

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Editora Sulina, novembro de 2014. p. 42-65. v. 2.

FAZER

PESQUISA NESSA DIREÇÃO CARTOGRÁFICA É CONSIDERAR QUE A REALIDADE A SER PESQUISADA SE APRESENTA COMO MAPA MÓVEL. HABITUALMENTE O QUE SE NOMEIA COMO METODOLOGIA É DA ORDEM DE REGRAS PREVIAMENTE ESTABELECIDAS, COMO NOS INDICA A ETIMOLOGIA DA PALAVRA QUE ANUNCIA A EXISTÊNCIA DE UM CAMINHO (HÓDOS) PREDETERMINADO PARA SE ALCANÇAR ALGUMAS METAS - “METÁ-HÓDOS”, O QUE INDICARIA A NECESSIDADE DE UM RIGOR E PRECISÃO METODOLÓGICA, ENTENDIDOS COMO OBEDIÊNCIA MECÂNICA A PROCEDIMENTOS APRIORÍSTICOS

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO. IN PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA: PESQUISA-INTERVENÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE. ORGS. EDUARDO PASSOS, VIRGÍNIA KASTRUP E LILIANA DA ESCÓSSIA. PORTO ALEGRE: SULINA, 2020.

TAL

ATIVIDADE DE PESQUISA REQUER UMA CONSTANTE REFORMULAÇÃO E ANÁLISE DO CAMINHO INVESTIGATIVO, O QUE VIABILIZA SEU PRÓPRIO “DESENVOLVIMENTO”, NÃO COMO PROGRESSÃO, MAS METAMORFOSE QUE PODE ABRIR UMA CRISE NOS MODOS HABITUAIS DE TRABALHAR, PESQUISAR, ENFIM, DE VIVER. A TRANSFORMAÇÃO TORNA-SE INSTRUMENTO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E, AO TRANSFORMAR-CONHECER OS VETORES DA ATIVIDADE, CRIAM-SE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA A INVESTIGAÇÃO DE PROCESSOS, E NÃO DE ESTADOS DE COISAS.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; SILVA, Fábio Herert. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Editora Sulina, novembro de 2014. p. 128-152. v. 2.

Cartografias da formação

TUDO COMEÇOU COM A

Carta de Intenções

Sou jornalista por formação porque sempre tive tendência à poesia. Um ano antes do vestibular, perguntei a uma professora de português qual a profissão poderia escolher quem gostava de escrever poesias. Pelo seu universo de conhecimento, indicou-me jornalismo. Poderia ter sido artes. Tempos depois descobri o gosto pela natureza. Poderia ter feito artes ligada à terra. Na universidade veio a vontade de intervir, então poderia ter sido sociologia. Mas sempre gostei muito de ler sobre ideias: filosofia.

Às vezes penso que no fundo, gosto mesmo é de me comunicar. E este verbo tem um sentido triangular: comigo, com o outro e o meio. Com o tempo descobri que esta é não só a síntese da comunicação como também da educação ambiental, áreas onde exerço atividades com grande prazer hoje na universidade: com intervenções e pesquisa. Mas, antes disso, atuei como professora de yoga por 10 anos. Com a prática de yoga encontrei momentos de profunda conexão – portanto, comunicação – e fui experimentando uma diversidade de práticas terapêuticas: aromaterapia, cromoterapia, numerologia, astrologia, florais, tarô, etc... Mas, antes disso, desde a adolescência as artesanias, com diferentes materiais – além da poesia, tem me dado grande prazer: tinta, papéis, linhas, tecidos, madeira, argila, desenho, tecelagem, etc..

O encontro entre a comunicação, a educação ambiental e técnicas colaborativas e criativas tomam minha atenção na vida e no trabalho nos últimos tempos. Tenho feito misturas metodológicas nas intervenções e pesquisado estes processos no grupo de pesquisa Ceami – Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções, que coordeno na Universidade do Vale do Taquari – Univates. As intervenções são feitas de emaranhados que têm as marcas dessa minha trajetória de vida.

O que tenho sentido é que destas práticas tem emergido fortemente o reencontro dos participantes das intervenções com partes esquecidas dos seus seres: intuo que seja a criança interior. O mesmo acontece comigo durante o processo. Potencializar estes acessos com a compreensão de como fazer para que sejam cada vez mais potentes para todos, me leva ao interesse pelo curso de Arteterapia. Portanto, minha intenção é aprofundar-me em um processo terapêutico por meio de múltiplas possibilidades, para poder ser inspiradora da expressão cada vez mais livre dos seres, nos diferentes espaços sociais em que atuo ou venha a atuar ao longo da minha vida. A arteterapia, neste momento, me parece um pouco com uma síntese de tudo isso.

**AO LONGO DA
FORMAÇÃO EM
ARTETERAPIA
VIVENCIEI
PROCESSOS
ARTETERAPÊUTICOS.
DURANTE ESTE
TEMPO VIVI
TRANSFORMAÇÕES
PSICOLÓGICAS,
ESPIRITUAIS,
MENTAIS E FÍSICAS,
QUE ATRAVESSARAM
MEUS
REGISTROS. UMA
VISITA ÀS
ANOTAÇÕES E ÀS
PRODUÇÕES
CRIATIVAS
POSSIBILITARAM
CAPTURAR ESTES
FRAGMENTOS**

*Conheci técnicas,
processos e a potencialidade
dos materiais
Explorei a expressão livre
Experimentei rituais
Encontrei fantasmas
Processos de cura se
colocaram em andamento
Acessei espaços divinos
Transcendi a mim mesma
Aconcheguei-me nas
minhas sombras
Aprofundei-me de mim
Assumi minha fortaleza
Fortaleci meus sonhos
Realoquei-me em meu lugar
Acessei energias telúricas
Encontrei-me com energias
ancestrais
Inspirei-me
Descobri levezas, delicadezas
e suavidades intuídas
Descobri-me colorida, clara,
flexível e frágil*

Encontrei as mulheres girassol
Conectei-me com elas
Dançamos juntas
Criamos juntas
Retomamos práticas primitivas
Experimentei a alteridade em grupo
Escutei
Entreguei-me ao processo grupal
Desnudei-me
Desvendei-me
Expus-me sem amarras
Vivi sincronicidades
Emocionei-me com a minha experiência e a do outro
Chorei de dor e de amor
Compreendi melhor meu jogo de máscaras
Conectei-me com minhas polaridades
Senti as forças opostas que fluem em um contínuo
devir
Acessei a imaginação
Encontrei um útero cheio de seres, transmutei miomas
Introspectei
Expandi a percepção de mim e do universo
Deparei-me com imagens reincidentes
Entrei em contato com outra infinidade de elementos
que me compõem
Concretizei sonhos
Construí uma casa junto à natureza, para a cura no
aconchego
Criei formas de viver a arte ao ar livre
Desenvolvi aptidões
Senti vontade de falar menos e sentir mais

Senti o valor do humor, da serenidade, do trabalho árduo
e das amizades
Agradei à segurança familiar, perdoei
Fortaleci a necessidade de ser menos julgadora, de ter
menos medo, de ser menos dura
Experimentei o aqui agora dos processos de arteterapia
gestáltica
Experimentei figura e fundo se alternando em um
processo arteterapêutico lindo, tranquilo e emocionado
Possibilitei alguns processos de reconfiguração
Explorei minha liberdade criativa
Tornei-me mais confiante
Assumi ainda mais minha autenticidade
Acessei intuições poderosas
Percebi que trabalho muito
Senti que preciso de mais ócio
Percebi a importância de respeitar meus limites e
necessidades
Vivi intensamente processos corporais inflamatórios
Perdi muito sangue
Descobri a necessidade do autocuidado
Aprendi a cuidar melhor de mim
Aprendi a cuidar melhor do outro
Integrei-me
Acessei a plenitude dos 50
Gostei ainda mais do meu jeito de ser
Senti-me grata pelo que fiz de mim
Empoderei-me de conhecimento e de autoconhecimento
Cruzei em mim saberes de origens diversas
Compartilhei conhecimentos
Saboreei cada momento!

O desafio proposto pela abordagem gestaltista consiste em fazer a experiência tão total quanto possível...

A arte-terapia permite tornar visível os movimentos da psique e fornece, assim, a ocasião para entrar em um diálogo com suas imagens íntimas e de melhor compreender o que se passa no mais profundo de si.

A arteterapia implica uma experiência imediata, que é vivida aqui e agora.

...diferentes meios de expressão...permite um contato direto com a sabedoria inconsciente e estimula a emergência de emoções bloqueadas....revela o que se passa nas profundezas da psique... imaginário...para designar todas as imagens criadas espontaneamente em nossos sonhos, nossas visualizações, nossos contos, nossos jogos, nossas produções artísticas..e...em nosso corpo.

a arte, o imaginário e o corpo são ferramentas de cura impressionantes.

...o imaginário constitui nossa ligação mais direta com a essência divina.

...o que existe no imaginário existe realmente no mundo invisível.

Estar a escuta do imaginário e honrá-lo.

Duchastel, Alexandra. O caminho do imaginário: o processo de arte-terapia. SP: Paulus, 2010.

Cartografias
da
subjetividade:
experiências
e imagens
em palavras

O
processo arteterapêutico vivido ao longo da
formação, nas vivências
em aula e nas atividades para os módulos,
me fez explorar o
sensível, o corpo, as percepções, o
imaginário.
Deparei-me com devaneios poéticos
expressos em imagens e palavras.

O devaneio poético é um devaneio cósmico.

Devaneio, diferente do sonho, não se conta.

Para comunicá-lo é preciso escrevê-lo....

...há devaneios tão profundos, devaneios que nos ajudam a
descer tão profundamente em nós mesmos que nos desbaraçam
da nossa história. Libertam-nos do nosso nome.

...é no devaneio que somos seres livres.

...a infância está na origem das maiores paisagens. Nossas
solidões de criança deram-nos as imensidões primitivas.

Só, muito só está a criança sonhadora.

Vive no mundo de seu devaneio.

A cosmicidade de nossa infância reside em nós. Ela reaparece
em nossos devaneios solitários.

Todos os sentidos despertam e se harmonizam
no devaneio poético.

Um mundo se forma no nosso devaneio

O devaneio é então um pouco de matéria noturna
esquecida na claridade do dia.

...o devaneio nos dá o mundo de uma alma....uma imagem
poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo...

...devaneio...devolve o sonhador à sua serena solidão.

BACHELARD, GASTON. A POÉTICA DO DEVANEIO.
SP: MARTINS FONTES, 1988.



SOU TERRA,
FORÇA E
DELICADEZA
SOU FLORAL,
ESPIRITUAL


*Patos, sapos,
duendes
Plantas e flores
Imagens orgânicas*

Busco uma forma
entre infinitas possibilidades
em meio à
impermanência



Cordão, caule,
semente, flor
Movimento e
suavidade
Harmonia e
alegria
Espaços não
preenchidos, que
não incomodam
muito
Formas
indefinidas e
inacabamentos
me compõem
Uma certa
plenitude
A pele macia
Os traços bem
definidos





*Um ser protege o
mundo de seres
distorcidos,
retorcidos, contorcidos
Um ser protege um
mundo*



Estou de braços
abertos
Buscando um bom
jeito de viver
Me descubro intensa,
feminina, cheia de vida
Equilíbrio cores
quentes e frias





*O outono chega com o
fim do fogo do verão
Supressão de
intensidades
Interrupção do que
arde
Pausas. Menos pausas.*

Fluxos
descontrolados
Energia vital indo
embora
Corpo perdendo o
viço
Sinto-me frágil
Em troca acesso uma
calma sempre buscada





ESTOU CANSADA DESSE DEDO
APONTADO PARA O DEVER SER
E FAZER
NA VERDADE APONTANDO
PARA MIM MESMA
ESTOU CANSADA DE
TANTO FALATÓRIO
QUANDO HÁ TÃO POUCO A SER
DITO E MUITO POR
SILENCIAR



*Sou leve
Minha posição é espiritual
Minhas experiências me envolvem
São esvoaçantes e coloridas
Passam meu corpo e o transbordam
Elas se desfazem em linhas
Que logo são outras
Já não mais a mesma
Conecto saberes em mim*



Movimentos de dança
atravessam um casulo em direção ao
infinito

**Buscadora em si, de
si, do outro, do mundo
Minhas linhas formam
sementes-coração**

**Meu corpo acopla-se
ao espaço natural**

Coisas nascendo
Vida em movimento
Em meio a mais vida que surge





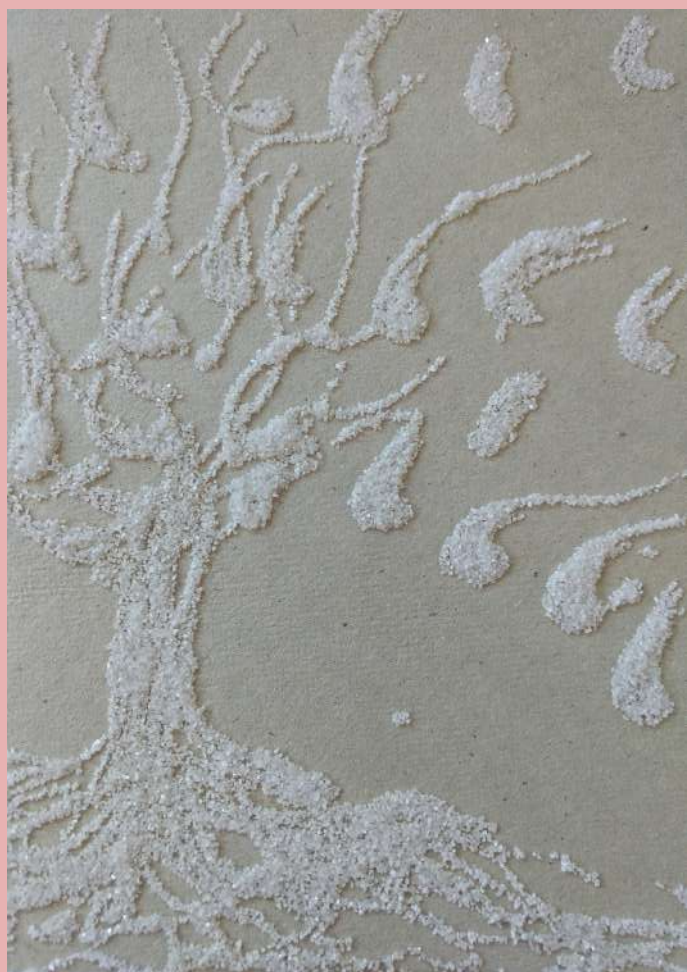
**SOU UMA, SOU MUITAS,
JAMAIS SÓ**

Reencontrar sonhos pulsantes
Rever questões instigantes de
mais vida
Ressignificar o que for menos
potente
Perceber o que ainda me amarra
Decidir soltar ou não



**Uma serpente
atravessa o cálice sagrado,
sorvo sabedoria e
flexibilidade**





Brinca, ri, faz
trapaça

Criativa,
disruptiva,
humorada

Contradições da
criação

Transmutações
de marcas
familiares,
antes

estagnadas

Perdão

BUSCAS PELO MEU
LUGAR,
PELO DESAPEGO DA
FAMÍLIA,
COM SEUS
DISCURSOS E
MATERIALIDADES



Um corpo maduro com as marcas do tempo
vivido

**Possibilidades inventivas diante da perda
do viço**

Durezas perdem o viço

**Delicadezas tomam seu lugar
rosáceas violáceas azuláceas**

Cada desejo não
realizado me deu a resiliência para enfrentar
estes tempos.

Agora sou minha
 própria mãe
 Sou minha própria
 filha
 Realizo em mim meu
 encontro intergeracional
 Criança-adulta-envelhecendo
 Eu interconectada em
 mim mesma
 pelo tempo que me
 atravessa:
 autointerdependência



Séria, atenta,
 transparente, clara
 Sorridente, aberta,
 disposta, exposta
 Confortável consigo
 Leves
 eu e eu
 lado a lado
 múltiplas visões
 de mim mesma misturadas
 Sempre o mesmo corpo
 sempre outro
 O olhar de criança
 é adulto
 O olhar da adulta é
 infantil
 Sou invertida em mim
 mesma
 Assim brinco girando
 por aí





Sou meu próprio útero
desmanchando-me em
grumos vermelho sangue
energia vital solidificada indo embora
para eu fluir mais em mim



Meu tesão se
recolhe diante da falta de tesão do outro

Transmuto o tesão
no prazer do vôo solitário
Em meio a poéticas
e delicadezas que descubro em mim
O prazer em si
O prazer de si
Transmuto potência
em plenitude



OLHOS QUE ESPREITAM

*Colori e endelicadei
minha máscara
Lancei-me ainda mais
a minha liberdade*



Mantenho a transparência
expando o humor
acesso a sabedoria planetária
O sagrado me toma quando me
abro
Reintegro-me
Componho-me
Constelo-me
Sinto-me
Infantil e macia

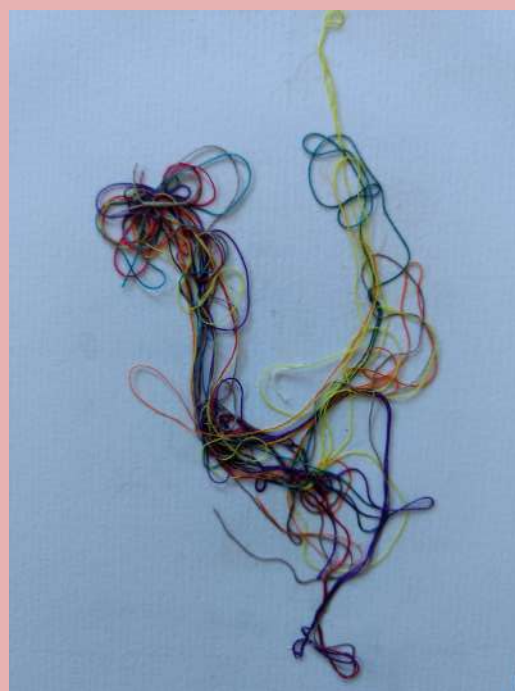


Livre expressão com a natureza
Esse reencontro com meu sonho
Um lugar para criar e cultivar
solo em mim mesma
(me) adubo
(me) planto
(me) rego
(me) cuido
(me) colho
(me) celebro



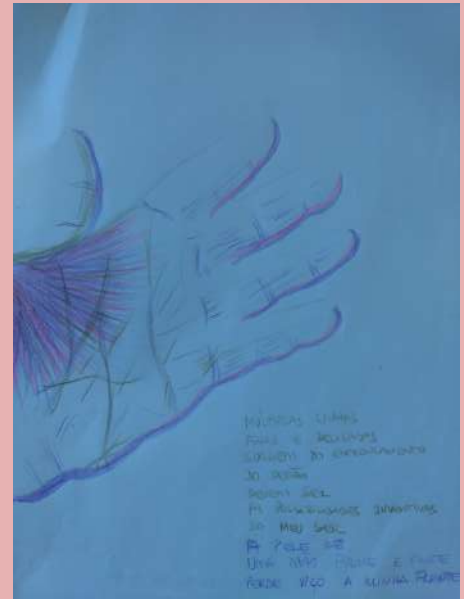


Estou chegada e
aconchegada à casa sonhada
meu casulo de criar
de ser livre
cultivar sementes
aprender com o tempo
sentir o tempo
sol, lua, dias
semanas, estações, anos inteira
no tempo que flui
retomo meus fluxos
naturais





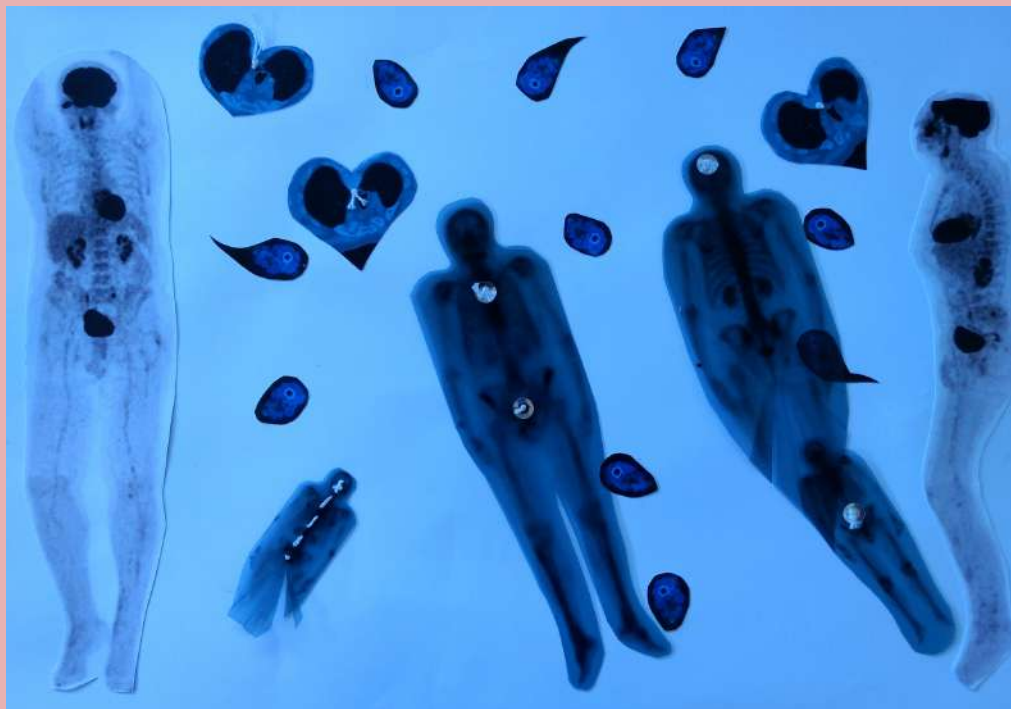
Às vezes o mundo me
assusta
Às vezes tenho medo
do mundo
Às vezes uso
escudos contra o mundo e seus
fantasmas
Vejo o mundo doente,
escuro, duro
Às vezes isso
reflete em meu olhar
Às vezes sinto o
mundo
Às vezes sinto
muito por este mundo,
quase sempre sinto
muito o mundo



Marcas em desenhos cegos
 rosto
 mãos
 linhas duras
 linhas finas
 e suas possibilidades (re) inventivas



A doença, a cura,
o amor e a morte
Todas as finitudes
um dia nos chegam





*Busco aquietamento,
encasular-me
em um lugar sagrado,
junto à natureza
Livros e flores
Ervas e amores
Um lugar para
contemplar-me
Onde não preciso
falar, declarar, professorar
Só silenciar,
nada provar,
ser devagar,
divagar*

*Conexões ancestrais
Espirais em expansão*



*Aeres telúricos vão
e vem,
brincam em mim*



*Dobraduras me
revelam
diferentes
possibilidades*



*Relicários móveis
Sementes sagradas
Ascendências*



Núcleos se expandem



*Ora dança solta,
ora cai no vazio*

Experiência

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. ...Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação...Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião.....Em terceiro lugar, a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo....Em quarto lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de trabalho.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

...o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”.

Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”.

É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “ex-iste” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente.

Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.

Somente o sujeito da experiência está,
portanto, aberto à sua própria
transformação.

Se a experiência é o que nos acontece, e se
o sujeito da experiência é
um território de passagem, então a
experiência é uma paixão

...o saber da experiência é um saber
particular, subjetivo, relativo,
contingente, pessoal.

Se o experimento é repetível, a experiência
é irrepetível, sempre
há algo como a primeira vez. Se o
experimento é preditível e
previsível, a experiência tem sempre uma
dimensão de incerteza que
não pode ser reduzida. Além disso, posto
que não se pode antecipar
o resultado, a experiência não é o caminho
até um objetivo previsto,
até uma meta que se conhece de antemão,
mas é uma abertura para o desconhecido,
para o que não se pode antecipar nem
“pré-ver” nem “pré-dizer”.

Sinto medo. Muito medo do mundo. É um momento de extremo desgaste diante do que vejo, ouço, sinto, penso, sonho. Nenhum controle sobre a natureza, sobre a violência, sobre como se precaver. Estou apavorada diante da brutalidade. Tudo pode acontecer a qualquer momento: um louco armado, um presidente louco estimulando a violência, alunos desnorteados, pessoas no celular dirigindo, um corpo que pode se desorganizar em uma doença grave a qualquer momento como acontece com pessoas próximas de mim. Perdi a inocência. Não há nada a fazer. Nenhuma segurança, ninguém pode nada mais prometer. Só resta viver com isso. Enfrentar o pavor com alguma calma e tentar ajudar a diminuir a dor de todo tipo de perda: física, psicológica, da segurança infantil.

Apesar do medo trabalho com ideias de liberdade, de vida, de intensidade, de esperança, que estimulam o fazer sem medo. Transmuto meu medo de dia, com o trabalho, vivo meus medos intensamente de noite, na cama, entre sonhos e insônias. De dia sou luz, de noite sombra.





A adolescência
ainda vive em mim, com suas misturas
contraditórias
Honro o que fui, o
que me faz ser quem eu sou
Como uma adolescente
ainda sinto-me fora do padrão
Saio ilesa de
exigências de formatação
E descubro que com a
maturidade
a necessidade de
chutar baldes se fortalece

Apercebi-me do meu processo de individuação. Do valor de estar vivendo-o plenamente hoje, prestes a completar 50 anos. O arquétipo da mãe veio com muita força durante as vivências, o choro farto no contato com o barro. A imagem de um coração formado por dois seres, cada um olhando em uma direção, contrárias, juntos formando um coração, como um amuleto forte de defesa. Com a força de um punho, a violência do amor. A força do amor. Mãe e filha em uma só mulher. Cuidada e cuidadora.

Sinto forças intensas em mim. Sinto muito conhecimento acumulado. Tenho vivido um processo de busca metodológica e pessoal para inovar no trabalho que realizo como educadora e pesquisadora na área de comunicação e educação ambiental. Junto com isso e com a formação em arteterapia chego aos 50 anos, e com eles veio este ano a menopausa e a construção da minha casa.

Não é qualquer casa. É simbólica: formato de T de Tao, no meio dela recebo ar a visão para as quatro direções: norte, sul, leste, oeste. Nela terei meu atelier.

Um espaço de terra para a horta. Tudo junto ao mesmo tempo. Neste momento, de finalização de projetos e processos, de sonhos sendo alcançados na maturidade, de uma virada na vida para a proximidade maior com a finitude, vivo um profundo cansaço. O medo do fim. O sentimento da potência de tudo que fiz, sou e me fiz até chegar aqui. Sou profundamente grata ao universo e a tudo que conspirou para eu viver este momento. Apenas eu esperava que o mundo fora de mim estivesse mais ameno.

Percebo intensamente a degradação ambiental, psíquica, social. Sinto muito, sinto uma profunda dor por tantas vidas desperdiçadas, abandonadas, pessoas rodando sem rumo, perdidas de si e de conexões potentes. Pessoas doentes. Junto com todos e tudo sinto medo destas coisas me atravessarem. Não estou alheia a tudo que pulsa com poesia e amor, mas sinto a dor tão profundamente quanto o amor.



Conforme o tempo que o material vive em contato com o calor/energia, ele se modifica. Assim foi a experiência com o ferro sobre os papéis laminados. O resultado é a experiência da pele no mundo. Resseca. Enruga.

Como sentir esta transformação em um estado de arte na vida é um desafio ao qual poucos se entregam com vitalidade. Manter a alegria no envelhecimento tem sido uma observação rara. Não há como não sucumbir, às vezes, à perspectiva de finitude, a cada dia mais próxima. Vivemos a ilusão de que somos imortais até os 50.



A linha da vida que tracei no entorno do balão fez círculos que aumentaram com o tempo e depois começaram novamente a ficar curtos. A criança e o velho. A ponta da linha do início encontrou a ponta da linha do fim, fechando a gestalt maior: a vida.

Círculos que se expandem em espiral, a mesma linha, mas sempre em um novo círculo em torno do balão de ar, o material da nossa respiração no mundo.

Com esta linha fiz um móbile, um filtro de vida, cheio de fitas coloridas. Uma síntese das experiências criativas do módulo. As fitas são as experiências que vamos colocando sobre o nosso ser, como mantos coloridos que vão nos transformando em seres sábios. Mulheres sábias. Alquimias das nossas experiências vitais.



A tecelagem foi feita de uma trama não concêntrica, mas em linhas verticais atravessadas por fitas que se cruzam em todas as direções. Umas delas alinhavam todas as nossas experiências. São aquelas linhas mestras que norteiam nossa cruzada no mundo. Nosso jeito de ser e estar vagando por aí. Nosso ethos pessoal. Diferentes materiais, sempre coloridos. Muitas intensidades de cores em uma trama linda de simetrias e assimetrias que harmonizam-se entre si. Em mim, minha vida. Uma estrutura as sustenta, mas não é dura. É firme e também feita de maleabilidades. Pode dobrar-se se for necessário, sem perder a singularidade.



Por fim, o trabalho mais forte. E é também o mais leve. Feito de lãs orgânicas e cores intensas. Escolhi o índigo e o azul mar. Ao buscar abrir as tramas descobri a textura das nuvens esvoaçantes. Não consegui sufocar a pedra, apenas achei um lugar para ela entre minhas sobancelhas, usei sua temperatura fresca para acalmar a febre de pensamento, pra aliviar o cenho franzido do que me preocupa e do meu esforço pra compreender as coisas e achar um modo mais inteligente de viver. Esforço às vezes demasiado.

Não sufoquei a pedra na lã molhada e com sabonete porque estes materiais não me convinham. Não estou mais para certas durezas e melecas, mesmo as perfumadas. Estou apta às levezas e desordens de algumas estruturas. Me fiz em uma trança de ida-píngala-sushuma, que formam a coluna vertebral energeticamente, que organizam-se em kundalini. Tao. A mesma imagem que surgiu no módulo anterior, quando as mesmas formas e as mesmas cores estavam deitadas sobre a borda de uma taça. Talvez um convite para saborear-me. Eu alquímica.

Me fiz em forma de trança, deitada em uma espécie de berço, como um anjo-criança. Tenho asas e sou sustentada por uma nuvem lã que se parece com uma cuidadora velha. Talvez a outra em mim ou minha avó-mãe amorosa com quem eu aprendi a rezar a noite, na cama. Cuidado lembro dela. Sinto-me tranquila e aconchegada na leveza do amor sem amarras e entendo deste momento da vida que chama para um compromisso até o fim: autocuidar-me com leveza. Fora deste circuito há um rosto sorridente. Acho que é masculino. Um anjo da guarda. Anjos não tem sexo.



Minha pele envelhece.Minhas experiências acumulam-se em um manto colorido de sabedorias que vou tecendo em mim no meu jeito de viver alegre e firme. É chegada a hora de cuidar melhor de mim, experienciando com mais leveza e menos exigências duras e menos ordens internas. O que precisava ser provado já provei. Sou o que quero ser. Tenho esta potência em mim. Posso relaxar e sentir mais plenamente os atravessamentos de vida natural em mim. E isto estenderá a noção do tempo. Quanto mais eu me sentir, mais lenta será a percepção do tempo. Uma forma de viver mais, de extensão do tempo. Uma experiência de vida quântica.

...o sensível... é uma certa maneira de ser no mundo

O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo...

A percepção exterior e a percepção do corpo próprio variam conjuntamente porque elas são as duas faces de um mesmo ato.

Toda percepção exterior é imediatamente sinônima de uma certa percepção de meu corpo, assim como toda percepção de meu corpo se explicita na linguagem da percepção exterior.

...será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo.

o corpo é como um eu natural e como que o sujeito da percepção.

temos um corpo perceptivo...uma superfície de contato com o mundo ou perceptualmente enraizada nele, é porque sem cessar ele vem assaltar e investir a subjetividade, assim como as ondas envolvem um destroço na praia. Todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção.

...percebe com seu corpo e com seu mundo.

...dou ouvidos ou olho à espera de uma sensação e, repentinamente, o sensível toma meu ouvido ou meu olhar, eu entrego uma parte do meu corpo ou mesmo meu corpo inteiro a essa maneira de vibrar...

Eu, que contemplo o azul do céu...abandono-me a ele, enveredo-me nesse mistério, ele "se pensa" em mim, sou o próprio céu que se reúne, recolhe-se e põe-se a existir para si, minha consciência é obstruída por este azul ilimitado.

... eu sou, enquanto sujeito que sente, inteiramente pleno de poderes naturais dos quais sou o primeiro a me espantar.

MERTEAU-PONTY, MAURICE. FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO. SP: EDITORA WMF MARTINS FONTES, 2011.

O que pode um corpo? De que afetos você é capaz? Experimente, mas é preciso prudência para experimentar. Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir.

Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência.

Fazer um acontecimento, por menos que seja, a coisa mais delicada do mundo, o contrário de fazer um drama, ou de fazer uma história.

...extrair na vida o que pode ser salvo....

...toda uma matilha em você perseguindo o quê, um vento de bruxa?

Uma coisa, um anima, uma pessoa só se definem por movimentos e repousos, velocidades e lentidão (longitude), e por afetos, intensidades (latitude)....Somos compostos de linhas variáveis a cada instante, diferentemente combináveis, pacotes de linhas, longitudes e latitudes, trópicos, meridianos, etc.

Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e floras.

Que personagem você gostaria de ser, em que época viver? E se você fosse uma planta, ou uma paisagem? Mas tudo isso você já é....

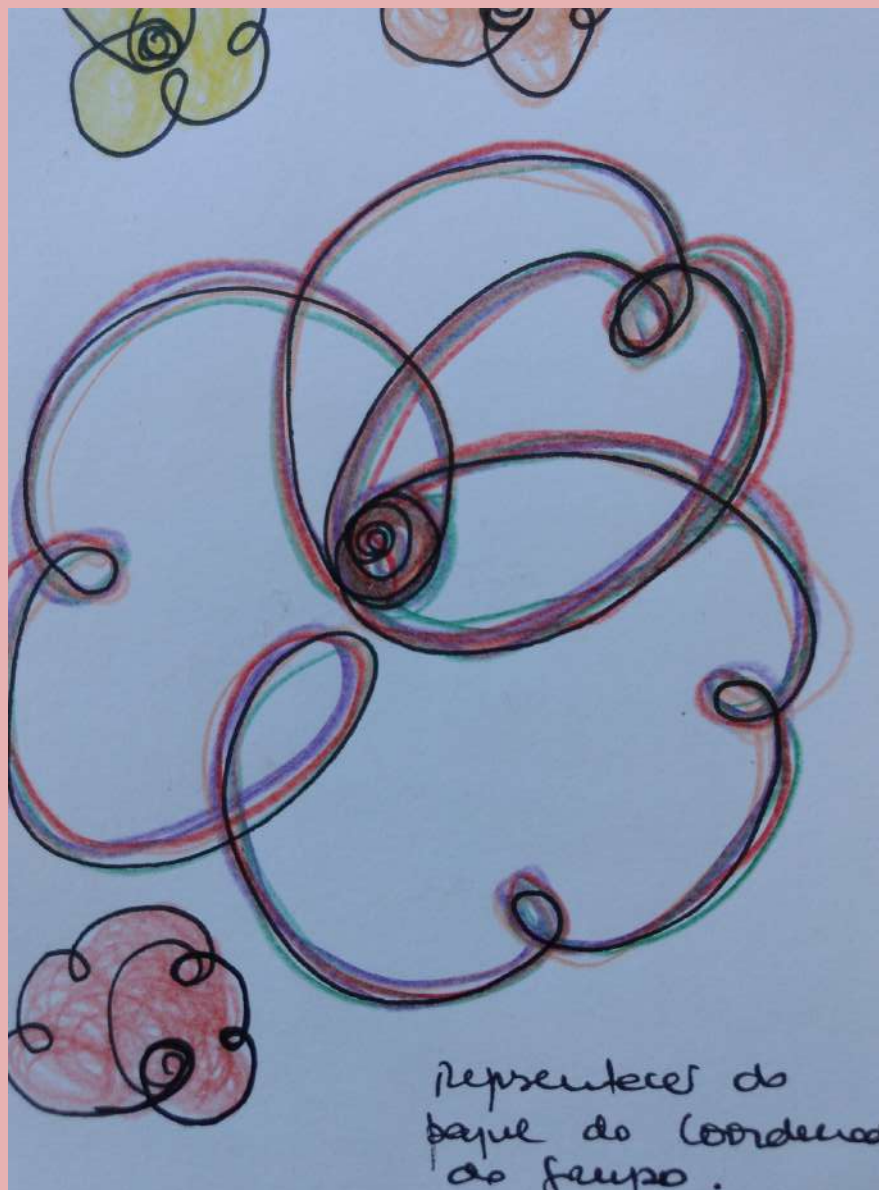
Deleuze, Gilles. Parnet, Claire. Diálogos. SP: Editora Escuta, 1998.

Cartografia das ressonâncias do grupo em mim

Como arteterapeuta exercitei no estágio o aprendizado que me chegaram por meio de todos os módulos da Formação em Arteterapia. Vou me referir a elementos abordados especialmente em dois deles: A Linguagem do Encontro Arteterapêutico e Arteterapia no Contexto Grupal e Comunitário. Os apontamentos das aulas e nos textos lidos guiam a reflexão sobre esta experiência.

Com as leituras do módulo A Linguagem do Encontro Arteterapêutico aprendi a importância do acolhimento do outro, no que tem de "tenebroso e sublime". Que a arteterapia promove uma integração interpessoal, um encontro de singularidades, reconfigurações mútuas de experiências. Que é preciso "dar sossego a si" para poder cuidar do outro. Que o arteterapeuta ajuda a restaurar conexões, abraça e deve "voltar ao seu lugar", ajudar o outro a examinar sua bagagem com "interesse genuíno". Colocar-se atento e curioso diante dos tesouros de viagem que o outro nos traz. Deve-se estar com, confiar, fiar a existência junto com o outro, gerar entrelaçamentos entre existências: interexistência, interpenetração, interexperiência, comunicação. Reconhecer e andar junto. Vivenciar o amor arteterapêutico, feito de encontro e responsabilidade. Realizar uma escuta profunda, sem invadir o espaço sagrado do outro. Abrir-se à alteridade, trazer-se em presença com o outro, acessar sua graça. Mas para haver o encontro, a disponibilidade precisa ser mútua. No encontro ambos se tocam. Ambos participam da experiência arteterapêutica, e nisto está a mútua transformação, o mistério do encontro eu-tu. O foco é a realização relacional, a disponibilidade para o diálogo, a integração de diferenças e semelhanças. A aceitação do outro, tal como é. É preciso envolver-se para haver o encontro arteterapêutico, para ajudar o outro a recompor seus retalhos. Mobilizar a coragem deste outro, encorajando-o a sujar suas próprias mãos na reorganização de sua bagagem. Para isso é necessário ao arteterapeuta uma busca profunda pelo autoconhecimento. O Relatório de Estágio demonstra que me guiei por estes ensinamentos nos encontros semanais que ocorreram com um grupo de curta duração (50h).

Como arteterapeuta me entreguei ao aqui agora dos encontros de arteterapia gestáltica. Fui vivenciando o mistério da relação com um misto de tensão e curiosidade. Criei possibilidades de expressão, misturei arteterapia com outros conhecimentos, me arrisquei, me desenvolvi, sobrevivi. Posso dizer que renasci um pouco com cada um do grupo. Acolhi e fui acolhida. Em grupo ampliamos nossa percepção de si e do outro. Dimensões intrapsíquicas e interpssíquicas se encontraram nas fronteiras de contato formando um campo de forças que permeou a experiência..



A GESTALT-TERAPIA É UM SISTEMA E UM MÉTODO PARA COMPREENDER E POSSIVELMENTE MUDAR A NÓS MESMOS COMO SERES CRIATIVOS.

É UMA ABORDAGEM EXISTENCIAL-FENOMENOLÓGICA E, COMO TAL, É EXPERIENCIAL E EXPERIMENTAL.

GESTALT...É A FIGURA EM PRIMEIRO PLANO QUE SOBRESSAI DE SEU FUNDO...

A FORMAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DE GESTALTEN É UM PROCESSO ESTÉTICO...ACONTECE COM O INDIVÍDUO E TAMBÉM COM SISTEMAS MULTIPESSOAIS.

ZINKER, JOSEPH. A BUSCA DA LEGÂNCIA EM PSICOTERAPIA: UMA ABORDAGEM GESTÁLTICA COM CASAS, FAMÍLIAS E SISTEMAS ÍNTIMOS. SP: SUMMUS EDITORIAL, 2001, P. 51 A 66

NA NATUREZA, NADA É SOLTO, SOLITÁRIO.
FORMAMOS UM GRANDE SISTEMA, UMA
ESTRUTURA FANTÁSTICA, EM QUE TODAS AS PARTES
RESPONDEM SUBSIDIARIAMENTE UMA PELA OUTRA.
TOTALIDADE NÃO É UM CONSTRUTO, ALGO
ESTÁTICO, CONCEITUAL. TOTALIDADE É UM PROCESSO,
UMA MATRIZ EM CONSTANTE MOVIMENTO, UM
PROCESSO VITAL PRODUTOR DE INFINITAS
POSSIBILIDADES, EM QUE TUDO PODE TORNAR-SE
POSSÍVEL, MUITAS VEZES, INDEPENDENTEMENTE DO
ESTÍMULO DESENCADEADOR.

...SINTOMA É A FIGURA DE UM FUNDO COMPLEXO...

...VER A PESSOA COM UMA TOTALIDADE HARMONIOSA E
PRODUTORA DE VIDA.

ESTAMOS PENSANDO UM SISTEMA DE PSICOTERAPIA NO
QUAL, DE UM LADO, A PESSOA POSSA SE SENTIR INTEIRA,
COPARTICIPANDO DE SEU PROCESSO, USUFRUINDO E SUA
LIBERDADE DE AÇÃO E DE DECISÃO, E, DE OUTRO, O
PSICOTERAPEUTA POSSA ESTAR INTEIRO NA RELAÇÃO
SEM PERDER SEUS REFERENCIAIS TEÓRICOS, SENDO
ATIVO SEM SER INTRUSO, SENDO DIRETO SEM
SER AUTORITÁRIO, SENDO PRESENTE SEM SER
SUFOCANTE, ESTANDO ATENTO À EXPERIÊNCIA IMEDIATA
SEM IMPOR NADA, CONFRONTANDO SEM TIRAR A
LIBERDADE DO OUTRO DECIDIR.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. GESTALT-TERAPIA DE CURTA DURAÇÃO. SP: SUMMUS,
2015, P. 11 A 118.

O SER HUMANO É UM SISTEMA E FUNCIONA COMO TAL.

UMA PSICOTERAPIA DA TOTALIDADE, EM QUE A PESSOA É PENSADA COMO PARTE INTEGRANTE DA REALIDADE CIRCUNDANTE.

A GESTALT-TERAPIA É UMA FORMA DE PSICOTERAPIA CENTRADA NA EXISTÊNCIA, COM UMA VISÃO CLARA DOS CONCEITOS DE INDIVIDUALIDADE, SUBJETIVIDADE, LIBERDADE, CUIDADO, ESPERA, ESCOLHA E RESPONSABILIDADE. SUA PROPOSTA É QUE CADA UM POSSA REALIZAR-SE COMO UM PROJETO INTEGRADO, SAUDÁVEL, HARMONIOSO. NÃO PRETENDE CURAR, MAS OPERAR MUDANÇAS, AS QUAIS, POR SUA VEZ, PODEM CONSTITUIR UM PROCESSO DE CURA....O PROCESSO DE MUDANÇA IMPLICA UMA REFORMULAÇÃO NO SISTEMA DE PERCEPÇÃO, APRENDIZAGEM E SOLUÇÃO DE PROBLEMAS...

A COMUNICAÇÃO VERDADEIRA SÓ SE TORNARÁ REAL NA RAZÃO EM QUE A INTRASSUBJETIVIDADE SE ACOPLAR À INTERSSUBJETIVIDADE, POR INTERMÉDIO DE UM PROCESSO DE TOTALIDADE CONFLUENTE, EM QUE A ESSÊNCIA SURJA COMO REVELADORA DO FENÔMENO. SE ISSO NÃO OCORRER, NÃO SABEREMOS JAMAIS SE ENTENDEMOS A OUTRA PESSOA OU NÃO.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. GESTALT-TERAPIA DE CURTA DURAÇÃO. SP: SUMMUS, 2015, P. 11 A 118.

O CAMPO É ENTÃO DEFINIDO COMO A TOTALIDADE DOS FATOS COEXISTENTES, EM DADO MOMENTO, E CONCEBIDO EM TERMOS DE MÚTUA INTERDEPENDÊNCIA, CUJA SIGNIFICAÇÃO DEPENDE DA PERCEPÇÃO DESSA CORRELAÇÃO ENTRE SUJEITO E OBJETO.

A TEORIA DO CAMPO VÊ A REALIDADE COMO A TOTALIDADE DOS FATOS QUE PODEM OCORRER EM DADO MOMENTO. TUDO SE INCLUI NESSA TOTALIDADE, PESSOAS E MEIO, VARIÁVEIS PSICOLÓGICAS E NÃO PSICOLÓGICAS. TODOS ESSES ELEMENTOS DISTINTOS E DINAMICAMENTE INTER-RELACIONADOS NECESSARIAMENTE SE INFLUENCIAM.

O CAMPO É A TOTALIDADE DA VIDA,
DA EXPERIÊNCIA QUE A PESSOA VIVE,
E É PRODUTOR DE EMOÇÕES.

TODO CAMPO É FEITO DE LINHAS DE FORÇA...

VIVEMOS UM ENORME, PERENE E EXTENSO PRESENTE.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. GESTALT-TERAPIA DE CURTA DURAÇÃO. SP: SUMMUS, 2015, P. 11 A 118.

Como arteterapeuta experienciei-me como um dispositivo que possibilita ao outro o acesso à experiência arteterapêutica, à ampliação de sua potência de ser e de suas possibilidades de contato, à livre expressão e à reorganização de si.

Participei de agenciamentos. De conversas. De encontros. De um processo de comunicação em situação de psicoterapia gestáltica, utilizando a arteterapia.

Como arteterapeuta exercitei a cautela na aproximação, o que exigiu-me autocontrole para não invadir o espaço sagrado do outro, uma tendência da minha personalidade, às vezes incisiva em demasia. Mesmo muitas vezes insegura, senti-me a vontade, percebi minhas limitações e criatividade para dar conta delas.

Vínculos foram criados e processos de acolhimento gerados.

NOSSA PRESENÇA (COMO ARTETERAPEUTAS, EU DIGO)
E NOSSAS INTERVENÇÕES AJUDAM A CRIAR A
MUDANÇA POR MEIO DA AMPLIAÇÃO DA AWARENESS E DA ARTICULAÇÃO
DE SIGNIFICADO AO SUSTENTAR O CONTATO POR INTERMÉDIO DO
DIÁLOGO E DO ENCONTRO IMEDIATO.

TODAS AS PESSOAS PENSANTES DESEJAM EXAMINAR SUAS VIDAS,
REVER E CONHECER SEU PASSADO, FALAR COM OS OUTROS SOBRE ELE,
CONTAR SUAS HISTÓRIAS E CONHECER SEU LUGAR NA FAMÍLIA E NA
ÁRVORE FAMILIAR.

ZINKER, JOSEPH. A BUSCA DA LEGÂNCIA EM PSICOTERAPIA: UMA ANORDAGEM
GESTÁLTICA COM CASAIS, FAMÍLIAS E SISTEMAS ÍNTIMOS. SP: SUMMUS EDITORIAL, 2001, P.
51 A 66

ESTAMOS EM UM IMENSO CAMPO "BIOPSISSOCIOESPIRITUAL";
PORTANTO, TEMOS DE NOS RELACIONAR COM NOSSO INTERIOR COMO
SERES QUE TÊM UM CORPO, UMA PSIQUE, UM SOCIAL E TAMBÉM UMA
DIMENSÃO TRANSCENDENTE. SE ESSAS QUATRO DIMENSÕES NÃO
ESTIVEREM PRESENTES NO ATO PSICOTERAPÊUTICO, O ENCONTRO NÃO
OCORRE, A CONSCIÊNCIA NÃO SE AMPLIA, A TOTALIDADE NÃO SE FAZ E O
FENÔMENO É RENEGADO. A PSICOTERAPIA SERÁ TANTO MAIS BREVE
QUANTO MAIS ESSAS QUATRO DIMENSÕES REVELAREM-SE EM AMBOS OS
LADOS.

CONTATO E AWARENESS SÃO OS CONCEITOS QUE PRESIDEM AS
MUDANÇAS DO SER HUMANO. QUANDO SE CONSEGUE DESENVOLVER UMA
CONSCIÊNCIA REFLEXA E EMOCIONADA, O CONTATO TORNA-SE MAIS
ESPONTÂNEO E, EM CONSEQUÊNCIA, CRIATIVO.

...SER PESSOA É AUTODEFINIR-SE PERMANENTEMENTE. A PESSOA,
PORTANTO, É AQUILO QUE ELA ESTÁ NAQUELE MOMENTO. COM RELAÇÃO
AO FUTURO OU À SUA FANTASIA, SERÁ SEMPRE UM DEVIR, UMA GESTALT
INACABADA. SE, PARA MUITOS ISSO PODE SIGNIFICAR A POSSIBILIDADE DE
MUDAR PARA MELHOR, PARA OUTROS PODE SIGNIFICAR A SENSACÃO DE
UM VAZIO EXISTENCIAL PELA IMPOSSIBILIDADE DE SE DEFINIR.

RIBEIRO, JORGE PONCIANO. GESTALT-TERAPIA DE CURTA DURAÇÃO. SP: SUMMUS, 2015, P.
11 A 118.

Mas o que é , precisamente, um encontro com alguém que se ama? Será um encontro com alguém, ou com animais que vêm povoá-los, ou com as ideias que os invadem, com movimentos que os comovem, sons que os atravessam? E como separar tais coisas?

Só há intermezzo, intermezzi, como focos de criação. É isso uma conversa.

...agenciamento...é de co-funcionamento: é uma simbiose, uma "simpatia"...Todo agenciamento é coletivo, já que ele é feito de vários fluxos que arrastam as pessoas e as coisas, e só se dividem ou se juntam em multiplicidade.

Deleuze, Gilles. Parnet, Claire. Diálogos. SP: Editora Escuta, 1998.

Como arteterapeuta observei o grupo formando um encontro de singularidades que fez emergir ressonâncias.

A arte ofereceu potência aos encontros, o autoconhecimento me possibilitou usar a intuição a favor de uma relação transparente e, às vezes, incisiva, marcada pelo cuidado com o outro, o que ajudou, quem estava aberto e disposto, a se ressignificar. Como arteterapeuta observei a emergência de um plano comum no grupo, que para mim evidenciou-se a partir das ressonâncias entre os integrantes.

Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento. É intervir sobre a realidade. É transformá-la para conhecê-la. Há uma dimensão da realidade em que ela se apresenta como processo de criação, como poesis, o que faz com que, em um mesmo movimento, conhecê-la seja participar de seu processo de construção. O acesso à dimensão processual dos fenômenos que investigamos indica, ao mesmo tempo, o acesso a um plano comum entre sujeito e objeto, entre nós e eles, assim como entre nós mesmos e eles mesmos. O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo heterogêneo.

O comum porta o duplo sentido de partilha e pertencimento. Cada um desses sentidos indica um procedimento ou atividade sem a qual a produção do comum não se efetiva. O comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Editora Sulina, novembro de 2014. p. 15-41. v. 2.

Toda experiência possui duas dimensões: uma modal (que pode ser gustativa, tátil, olfativa, visual ou auditiva) e outra amodal, que antecede a diferenciação dos sentidos (ritmos, velocidades intensidades e formas). Esse plano amodal comunica forças e é pré-reflexivo, podendo ser apreendido nos diversos modos sensoriais (como, por exemplo, o tato), pode ser traduzida em outra (visão). As percepções amodais, ao serem “preenchidas” por afetos de vitalidade, ajudam a integrar experiências. Cada processo de relacionar eventos constitui experiências emergentes distintas. O compartilhamento de experiências ocorre quando a percepção amodal atravessa e integra diversos sentidos, construindo uma experiência singular de mundo (emergência de eu/outro) a partir de um plano comum. Esses processos de sintonia, na medida em que criam um plano de experiências comum, permitem que haja confiança para agir no mundo.

A promoção da confiança, portanto, tem como desafio construir dispositivos que ensejem a sintonia, ou um regime de comunicação assentado fundamentalmente no plano das forças. O acesso à organização emergente da experiência promove senso de confiança, assim como o engajamento que o pressupõe.

SADE, Cristian; FERRAZ, Gustavo Cruz; ROCHA, Jerusa Machado. O Ethos na confiança da pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Volume 2. Porto Alegre: Editora Sulina, novembro de 2014. p. 66-91. v. 2.

**NESTE MOMENTO VOU ME DETER A UMA
LEITURA SUBJETIVA DESTAS RESSONÂNCIAS,
JÁ QUE NO ESTÁGIO ELAS NÃO FORAM TEMA
DE APROFUNDAMENTO.**

**DESVENDAMO-NOS MUTUAMENTE, POUCO A
POUCO, A CADA SESSÃO.**

**CARTOGRAFEI AS RESSONÂNCIAS DE CADA UM
EM MIM.**

O conceito de ressonância utilizado pela Teoria Sistêmica no âmbito clínico compreende sentimentos mobilizados diante do que é abordado no espaço terapêutico. Tais sensações podem tanto contribuir para imobilizar o sistema (cliente e terapeuta), quanto servir como um potente recurso ao terapeuta, dependendo, portanto, da implicação e postura do psicólogo frente às ressonâncias.

Tal palavra é proveniente da física e passou a ser utilizada também pela Teoria Sistêmica, uma vez que pode ser interpretada analogicamente no sentido de que a transferência de energia entre os sistemas distintos – o terapeuta e o cliente – ocorre quando ambos estão em uma mesma frequência. Portanto, apesar de serem sistemas distintos, podem interagir e transmitir energias entre si porque dividem algo de semelhante e partem de um lugar comum. Diferentes sistemas humanos podem entrar em ressonância influenciados por um elemento comum, como, por exemplo, corpos vibrarem em função de uma frequência (Andolfi, 1996).

...a pós-modernidade permitiu a superação da ideia do terapeuta como observador neutro, passando a compreendê-lo como parte do sistema terapêutico e em relação com o outro (Rossato, 2017).

Uma vez que os sentimentos, as recordações e os gestos não intencionais percebidos pelo terapeuta estão relacionados à sua história de vida e ao sistema no qual tais fenômenos surgem, o sentido e a função desses elementos no sistema terapêutico podem servir como objetos de análise e de intervenção.

As ressonâncias são um modo privilegiado de acesso ao sistema, visto que são espontâneas e derivadas das sensações que o terapeuta sente surgir na comunicação.

Uma primeira reação possível do terapeuta ao se deparar com suas memórias evocadas e emoções poderia ser, simplesmente, desconsiderá-las, por crer que prejudicariam o processo terapêutico. Neste caso, o terapeuta desperdiçaria um recurso precioso à sua disposição e, mais uma vez, seria considerado externo ao sistema. Por isso, compreender os acontecimentos considerando a história pessoal, tecendo conexões entre as próprias experiências e às do cliente, constitui um recurso oportuno e benéfico (Andolfi, 1996).

MAESIMA, Giovania Mitie; BARRETO, Monica; BEIRAS, Adriano. O conceito de ressonâncias no processo de formação do terapeuta: descobrindo potencialidades e limitações na prática terapêutica. Nova perspect. sist., São Paulo, v. 28, n. 64, p. 105-118, ago. 2019.

LIZETE RESSOOU EM MIM ELEMENTOS ESPIRITUAIS, RELAÇÕES ANCESTRAIS, MATURIDADE, AUTOADMIRAÇÃO PELA TRAJETÓRIA DE VIDA, A ALEGRIA QUE QUER CAUSAR NO OUTRO, O REENCONTRO COM A INFÂNCIA, OS RODOPIOS, A PERCEPÇÃO DA FORÇA DO CONTRADITÓRIO, A NECESSIDADE DE PERDOAR.

MARCIA RESSOOU EM MIM A NOSTALGIA, A SERIEDADE.

LEONARDO RESSOOU EM MIM O CANSAÇO, ALGUMA INSTABILIDADE, A PREOCUPAÇÃO SOCIAL, A RAIVA QUE GERA VIOLÊNCIA E O MEDO DA VIOLÊNCIA, E, COM ISSO, A PERCEPÇÃO DE QUE O MONSTRO É INTERNO.

TANISE RESSOOU EM MIM A VONTADE DE TRANSFORMAR OS MEDOS, O ACESSO AOS SÍMBOLOS MILENARES, A PERCEPÇÃO DAS COMPLEMENTARIEDADES, O GOSTO PELOS LIVROS, A VONTADE DE LIBERDADE, A BUSCA PELA ALQUIMIA EM SI.

PATRÍCIA RESSOOU EM MIM OS CONFLITOS FAMILIARES, A FORÇA PROTETORA MESMO DIANTE DO NÃO DO OUTRO, O SENTIMENTO DE SER OVELHA NEGRA DA FAMÍLIA, O JOGO DE MÁSCARAS COM ALGUMA BIPOLARIDADE, O SUSTO DIANTE DA POSSIBILIDADE DA MORTE, O MEDO DA SOLIDÃO.

ALINE RESSOOU EM MIM O PÂNICO, O MEDO DOS LUGARES FECHADOS, O ACESSO AO MUNDO DOS FANTASMAS, A FALTA DE GRAÇA.

MÔNICA RESSOOU EM MIM O APEGO ÀS OBRIGAÇÕES, A DIFICULDADE DE LIGAR O FODA-SE, ALGUM APEGO ÀS REGRAS, A VONTADE DE ROMPER, A INICIATIVA, A OJERIZA A AMBIENTES MASCULINOS REGADOS À ÁLCOOL, O CANSAÇO DO TRABALHO DEMASIADO, A NECESSIDADE DE SEMPRE TERMINAR O QUE COMEÇA, A VONTADE DO ÓCIO.

ELIZETE RESSOOU EM MIM A SEMELHANÇA FÍSICA, O ACESSO AO VAZIO, A BUSCA DE SI, A NECESSIDADE DE EXPRESSÃO, A PREOCUPAÇÃO COM O TEMPO QUE PASSA CADA VEZ MAIS RÁPIDO, O MEDO DE ESTAR SÓ, A SIMPLICIDADE.

VEROCI RESSOOU EM MIM A FALA DIRETA, A IDADE, O SIGNO, A SAGACIDADE, A ANSIEDADE, ALGUMA INGENUIDADE, ALGUMA CRIANCICE, O GOSTO POR ESTAR SÓ E COM PESSOAS, O AMOR PELAS PLANTAS E PELOS ANIMAIS, A VONTADE DE TER UM COMPANHEIRO, A ALEGRIA, A AUTENTICIDADE, O PODER DE TRANSMUTAR.

Linhas da experiência

ESTAS CARTOGRAFIAS POSSIBILITARAM MAPEAR
MINHAS EXPERIÊNCIAS ARTETERAPÊUTICAS, COMO UMA
ALUNA EM FORMAÇÃO E ME EXPERIMENTANDO COMO
ARTERAPEUTA.

AS LINHAS DIVERSAS QUE ATRAVESSARAM
MINHA SUBJETIVIDADE NESTE TEMPO
FORAM MAPEADAS ENQUANTO UM TERRITÓRIO
PSICOSSOCIAL NESTE TRABALHO
POÉTICO-REFLEXIVO.

OS TERRITÓRIOS PSICOSSOCIAIS SÃO COMPOSTOS POR
ESTAS LINHAS QUE SE ENTRELAÇAM FORMANDO
RIZOMAS.

AS LINHAS DURAS SÃO GERALMENTE PRÓPRIAS DAS
INSTITUIÇÕES, AS LINHAS
FLEXÍVEIS REFEREM-SE A FISSURAS
E CARACTERIZAM-SE POR SUA FLUIDEZ, SÃO
PROVOCADORAS DE DESABAMENTOS, ENCANTAMENTOS
E DEVIRES, ENQUANTO AS LINHAS DE FUGA IRROMPEM
AFETOS, PROVOCAM DESTERRITORIALIZAÇÕES,
ALGUMAS IRREMEDIÁVEIS.

MEU RIZOMA FOI COMPOSTO POR LINHAS
DURAS TRAZIDAS
PELAS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA,
COM A PROFISSÃO, COM AS OBRIGAÇÕES, O DEVER-SER,
DEVER-FAZER. PELAS LINHAS FLEXÍVEIS TRAÇADAS
PELAS EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS, PELOS DEVANEIOS
POÉTICOS E PELAS MODIFICAÇÕES
QUE IMPRIMI ÀS LINHAS DURAS. AS
LINHAS DE FUGA FORAM PROVOCADORAS DE
DESTERRITORIALIZAÇÕES,
DE REARRANJOS.

SOBRE A AUTORA

Jane Mazzarino

Possui doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991). Bolsista Produtividade CNPq PQ2. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari, Univates – nota 5 Capes. Professora dos cursos de Comunicação Social e Medicina, na mesma instituição.



Crédito da foto: Lucas Wendt/Univates

Em sua atuação conecta saberes científicos e tradicionais movimentados por processos expressivos, inspirados tanto pela formação acadêmica quanto pela formação complementar: Gaia Educacion for Sustainability, Dragon Dreaming (Introdução e Aprofundamento), Vivências com a Natureza (Instituto Romã), Yoga Integral (União Brasileira de Professores Profissionais de Yoga), Formação em Arteterapia no Contexto Social e Institucional (Infapa), Formação Internacional em Ecopsicologia Aplicada Ecotuner (Internacional Ecopsycology Society/Instituto Brasileiro de Ecopsicologia – em andamento). Facilita processos de transformação, explorando possibilidades abertas pela comunicação, pela arte e pela ecosofia. Atua interdisciplinariamente a partir da área de Comunicação, aprofundando-se em temas como comunicação ambiental, educação ambiental, ecologia profunda, ecopsicologia, expressão criativa, saúde, movimentos socioambientais, metodologias colaborativas, formação para a sustentabilidade, desenvolvimento humano.

ISBN 978-658909152-3

